

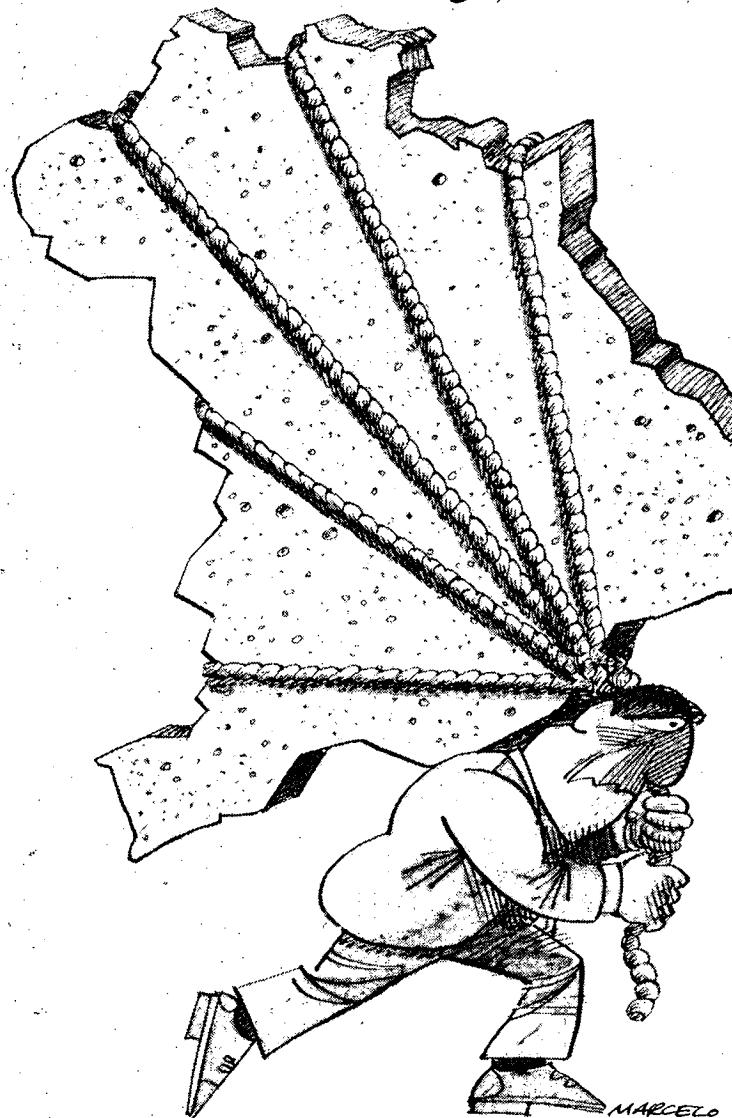
# PIB maior e inflação a 120%, as promessas para 85

**BRASÍLIA** — Na ótica de economistas do atual Governo, o próximo Governo encontrará, em 1985, um quadro econômico bem melhor que o deste ano. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) deverá ficar entre cinco e seis por cento, contra três a quatro por cento esperados para este ano, enquanto a inflação, o grande vilão da política econômica da administração Figueiredo, cai para 120 por cento, bem abaixo do índice provável de 84, no mínimo semelhante ao do ano passado, de 211 por cento.

Os dois principais assessores econômicos do Ministro do Planejamento, Delfim Netto — o Chefe de sua Assessoria Econômica, Akihiro Ikeda, e o seu Secretário de Planejamento, José Augusto Arantes Savazini — garantem que o sucessor de Figueiredo terá a área externa saneada, pois garantem estar superado o constrangimento das contas externas, que condicionou a economia do País nos últimos três anos. Ressaltam que será um grande presente, na medida em que a área externa foi a que apresentou os melhores resultados da política de ajustamentoposta em execução junto com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Ikeda e Savazini prevêem um superávit da balança comercial de US\$ 12,4 bilhões em 85, rigorosamente igual ao saldo positivo previsto para este ano, mas com uma enorme vantagem: importações 11,5 por cento maiores (US\$ 15,6 bilhões contra US\$ 14 bilhões em 84, não se computando as compras de petróleo), abrindo espaço para se acelerar a retomada do crescimento da economia.

Deste quadro claramente otimista discorda, em vários pontos, o Coordenador do Núcleo Econômico da candidatura Tancredo Neves, economista Décio Garcia Munhoz, professor da Universidade de Brasília (UnB). A primeira discordância está na expectativa de inflação: em vez dos 120 por cento esperados pelo Governo, Munhoz estima algo em torno de 230 a 240 por cento. Ao con-



trário de Ikeda e Savazini, ele não dispõe de previsões claras sobre o horizonte econômico do País no próximo ano.

Munhoz alinha as razões para o risco de previsões com os pés no chão: o comportamento do PIB é uma incógnita porque, na sua opinião, não se tem ainda a certeza se são realmente as exportações que

estão impulsionando o PIB deste ano. Já o desempenho das exportações, segundo o Coordenador do Núcleo Econômico da candidatura Tancredo Neves, vai depender, em grande parte, da conjuntura internacional e, principalmente, dos preços das "commodities" (produtos agrícolas e matérias-primas), que não estão bons neste segundo semestre.